

Pele-memória

IURI DA SILVA GOMES

intransitiva
• revista

CICATRIZES DA CONTEMPORANEIDADE (V. 5, N. 1, 2021)

Pele-memória

Iuri da Silva Gomes —

Nascido e criado num terreiro de chão batido, eu cresci vendo o mundo através de um lugar incomum. No quintal desse cazuá — como era conhecido o pequeno espaço —, aconteciam giras, batuques e louvores aos santos do povo preto, da gente negra, da gente que é a História do meu país-lugar. Lá estavam as matriarcas, os reis e as rainhas de um solo preto, donos de si e de suas liberdades. Me lembro como se fosse ontem do grito de Vó Benedita a me chamar:

— *Êi, murequê... Venha cá, venha batê o pé! Venha louvar! É hora de agradecer ao Tempo e pedir a Ele que nos dê bom Tempo sempre!*

E lá eu estava, com uma das mãos segurando a barra da saia da minha avó, que tinha infinitas camadas, e a outra apertando bem firme uma de suas mãos, mãos essas que me embalaram quando eu era um recém-chegado a este mundo, mãos que me apresentaram ao lugar das memórias. Os cantos eram ao Sr. Tempo. Diziam:

— *Tempo Ê, Tempo Á, e olha o Tempo, Tempo, Tempo Á. Eu pedi um Tempo bom, me mandaram um temporal!*

Era uma roda muito bonita a que fazíamos. Eu, Vó Benedita e muitas outras pessoas que faziam daquele terreiro um lar, uma morada da esperança, um lugar de culto ao Tempo, um lugar de culto às memórias que nos constituíam. Eu era apenas um menino participando daquilo tudo, eu não tinha ideia de quem era o Sr. Tempo e nem onde ele vivia, o que comia e do que gostava de fazer nas horas livres. Eu só sabia de uma coisa: a de que quando cantávamos para Ele, nós tínhamos bons tempos em nosso cazuá... não faltavam comidas, bebidas, alegrias e nem risadas.

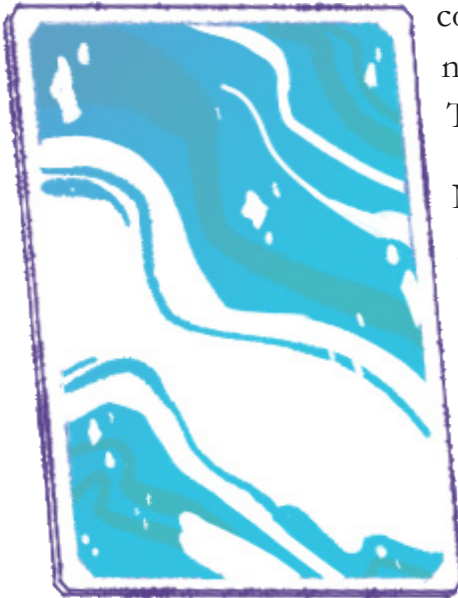
O tempo passou... vó Benedita foi ao seu encontro e eu cresci perdido no meio dele. Aos meus pais o tempo não me apresentou; ele me deixou



nas mãos daquela senhora a quem, hoje, eu devo uma infância belíssima da qual retiro as lembranças que perturbam o meu viver. Faz muitos anos que eu não canto ao Tempo, que eu não reflito nele e nem lhe dou atenção. Deve ser por isso que, hoje, me faltam muitas coisas, não do mundo externo, mas sim daquele universo contido nas entranhas do ser. O murequê de ontem é, agora, um homem em busca de si. E nas giras do presente, eu não tenho as mãos de Vó Benedita para segurar e nem as barras de sua saia para me proteger. Eu creio que só tenho ao Tempo e a mim mesmo.

Dos muitos acontecimentos que eu tive em minha infância, esse episódio com Vó Benedita me persegue diuturnamente. O que tem ele a me revelar? Às vezes me perco nessas lembranças e, de repente, me vejo cantando ao Tempo. A cantiga já não é mais reproduzida acertadamente, eu esqueço algumas palavras. Faz muitos anos desde que tive aquela experiência.

Sou um homem de meia-idade querendo saber o porquê das coisas. E uma dessas coisas sou eu. Quando encaro o projeto de revelar-me a mim mesmo o primeiro pensamento que me vêm à mente é Vó Benedita, a barra da sua saia, as rodas, as giras, as cantigas e o Sr. Tempo. Quero conhecer Ele, passear junto dele se possível, gargalhar e tomar notas de como se deve viver. E perguntar-lhe: “Que tempo é o seu, Tempo? Por que fazes morada em minha memória?”



Nos últimos dez anos, eu tive o que Clarice chamou de um “súbito reconhecimento de mim mesmo” e descobri como é longo o caminho de encontro ao eu, de encontro às memórias de ontem que, se refletidas hoje, podem responder a muitas inquietações. Entretanto, algo me diz que é preciso organizá-las. As memórias são como um jogo de quebra-cabeça. O tempo as embaralha e cabe a nós desembaralhar tudo. À medida que você vai reunindo as peças, algo maior começa a fazer sentido. Por onde começar? Eu me interrogo e sigo adiante.

Gerardo era um homem desejoso de reunir as peças para montar o quebra-cabeça de sua existência. Certa vez, ele caminhava pelo jardim de sua casa, em Santo Amaro, na Bahia, e, de supetão, ouviu no seu ouvido um zumbido. Mas era um zumbido diferente. Era um zumbido cantado.

Uma doce voz feminina ganhava forma naquela zumbido-canção. E, quando ele se atentou ao fato, fechou os seus olhos e respirou bem fundo, reconheceu a identidade do som. Era a voz de Vó Benedita. As cantigas vinham da infância de Gerardo, falavam do Sr. Tempo, das voltas que o mundo dá e das memórias de ontem tecidas no hoje. Gerardo logo se livrou dos pensamentos e tentou esquecer o evento balançando a cabeça num rápido movimento, como que a remover poeiras ou coisas outras que lhe incomodavam.

A sua juventude foi um tempo pra lá de solitário. As suas únicas referências no mundo eram a Vó Benedita e alguns primos em algum canto do Brasil. Portanto, a referência mais presente era a de Dona Benedita. Que o criou até meados de sua juventude, partindo já muito senhora e deixando para Gerardo aquele terreiro do qual ele lembrava dia após dia, noite após noite. Gerardo pensava que o cazuá que ele tanto lembrava fosse um lugar muito distante. Mas, com o passar dos anos, ele descobriu, após reformas na casa herdada de Vó Benedita, que o cazuá da memória, de culto aos lugares incomuns, era, hoje, o seu jardim. Onde ele passeava, ouvia zumbidos e sentia calafrios. Os anos passaram, e ele, que sempre fora um homem muito ocupado com o agora, achava besteira se preocupar com o que passou.

Gerardo era um reconhecido professor de Literatura em uma universidade próxima ao seu bairro. A sua ocupação era encarada por ele como um ofício sagrado e de responsabilidade social. A sua chegada à carreira de professor naquela universidade foi árdua, com sangues e lágrimas, lutas e estudos. Muito estudo. O único refúgio que ele tinha, desde que se vira, quando jovem, sem pai e mãe e sem algum parente próximo, foi estudar. Ler. Gerardo era um leitor voraz. Lia tudo o que encontrava pelo caminho. Com o passar do tempo, ele amadureceu e, com o advento da maturidade, vieram algumas interrogações.

O que me entristece eu não sei. Mas sei que a minha vida ainda não faz sentido. Já sou um homem passando dos seus trinta anos e insatisfeito com o não-rumo interno ao qual eu tenho trilhado, que não tem me levado a lugar nenhum. Desde que eu me dei conta, na juventude, de que



eu só tinha a mim mesmo, redobrei os esforços para alcançar sucesso na vida e ser quem eu sou hoje. Abdi quei de muitas coisas, de muitos amores, de muitas andanças que, afinal, não levam a lugar nenhum, e concentrei-me em mim. Concentrei-me em orgulhar a memória de Vó Benedita, daquela senhora que nunca deixou faltar o mínimo dentro de casa.



Mas isso nunca me livrou da sensação de que falta algo dentro de mim, alguma coisa que eu ainda não sei bem o que é. Já passei por muitas religiões, psicólogos, ciganas, leituras de mãos, de cartas e baralhos. Sempre com um questionamento. O que é que me falta? Eu sinto que ainda não me reconheço em mim mesmo. De tantas mensagens que recebi desses lugares pelos quais passei, em busca de uma resposta de conforto, só teve uma que me tocou profundamente. Foi num jogo de búzios, há exato um ano atrás.

— *Bom dia, senhor. No que posso te ajudar?* Disse a Ialorixá de um terreiro num bairro vizinho ao meu.

— *Bom dia, senhora... senhora?*

— *Ah, pode me chamar de Yá Dandalunda.*

— *É um prazer conhecê-la, Yá Dandalunda.* Disse eu, já com o espírito científico obstinado em investigar que nome era aquele.

— *O que te traz até aqui?*

— *Por muitos anos uma memória da minha infância me acompanha. E eu diria que de modo perturbador. Penso que pode ser alguma mensagem de outro mundo ou esfera espiritual e estou aqui para saber o que é isso e o porquê dessa memória me inquietar tanto.*

— *Está certo, meu filho. Mentalize o que te incomoda que eu já vou abrir os búzios para você.* Disse Yá Dandalunda, com as mãos cheias de búzios esfregando umas às outras.

Tinha, naquele esfregar, um barulho de outra dimensão, um barulho que me lembrava as águas de uma cachoeira. Fechei os meus olhos e me vi num rio. Me sentindo embalado por aquele som-reza dos búzios. É uma

força estranhamente feminina. Um colo d'água. Quando dou por mim, vejo, na beira do rio, a Vó Benedita acenando para mim. Levo as águas do rio ao rosto, como que a lavar as vistas para enxergar melhor. Lá está ela. Vó Benedita acenando para mim.

Abro os olhos assustado. O que me aconteceu? Em silêncio eu fico. Yá Dandalunda, minutos depois de colocar os búzios na mesa, deu um sorriso argucioso que eu devolvi com um olhar malcriado, de sobrancelhas levantadas como que a interrogar o porquê daquela risada.

— *Meu filho, qual é o teu nome?*

— *O meu nome é Gerardo, Yá Dandalunda.*

— *Gerardo, tu és filho de um bravo caçador do conhecimento. Tu és filho do caçador de uma flecha só. Okê Arô!*

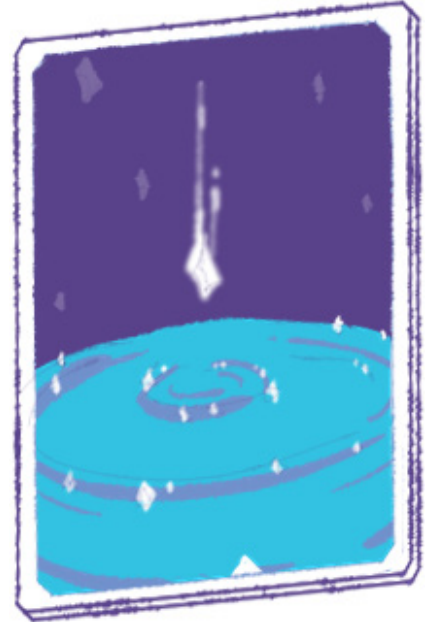
— *Yá Dandalunda, eu não conheci a minha mãe, quiçá o meu pai. Perdão, o que me dizes?*

— *Oxóssi é uma divindade do panteão africano, rei de Ketu, Gerardo. Quando eu digo que você é filho desse Senhor quero, com isso, dizer-te que você possui como energia para essa existência, que agora encaras, a bênção, a proteção e um compromisso com essa divindade.*

Quando eu ouvi aquilo fiquei preocupado. Não posso suportar mais compromissos, eu pensei. O senhor Oxóssi que me perdoe, mas eu não posso honrar nenhum compromisso a mais. Eu quero apenas saber o motivo dessa minha sensação de falta interna, de inquietação e da insistência da memória de Vó Benedita, a barra de sua saia de camadas infinitas, a roda, a gira, as cantigas e o Sr. Tempo.

— *O que te traz aqui é um compromisso com a sua ancestralidade, assumido por você em sua infância.*

— *Como assim? Eu não me recordo de nenhum compromisso. Ademais, como uma criança pode firmar um compromisso com alguma coisa? O que me dizes é estranho.*



— *Sim, meu filho. Você assumiu um compromisso... e ele vem de longe, de um outro plano e com as bênçãos das divindades.*



De repente, lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto. E eu não sabia o motivo daquilo. Eu apenas chorava. Parecia que em meu rosto rolavam as águas do rio em que me banhei no estranho pensamento que tive ainda há pouco. Yá Dandalunda, continuando a sua mensagem me disse:

— *Você foi batizado num terreiro próximo daqui. Uma senhora já falecida foi quem te batizou e te apresentou ao axé dos seus ancestrais. Essa senhora, pelo que eu vejo em meus búzios, possuía laços consanguíneos com o senhor e era uma Ialorixá, descendente de representantes africanos da mais alta hierarquia religiosa, da tradição congo-angola. O jogo me diz que você tem uma missão a levar adiante. É o momento do seu axé circular naquele terreiro. Você foi iniciado aos Orixás quando pequeno, meu filho. Precisa honrar com o legado ancestral a ti outorgado. Caso contrário, dentro de você o tempo ficará, para sempre, nublado... será difícil ver os caminhos que Oxóssi lhe aponta.*

E assim está o tempo dentro de mim... nublado. Desde que eu recebi aquela mensagem de Yá Dandalunda, o meu corpo apenas vaga pelo mundo. Não me reconheço em nada. Tampouco voltei para ter uma conversa com aquela Ialorixá. Eu acho uma agressividade alguém legar um compromisso a um ser humano que não está em sua fase de entendimento coerente e maduro das coisas. Como uma criança receberia uma responsabilidade dessas e por quê? Mas essa não era a questão que mais me incomodava. Faz um ano desde que recebi a mensagem de Oxóssi pelas mãos de Yá Dandalunda e aqui eu estou, com fragmentos de mensagens, disse ele.

Gerardo, inquieto que era, queria respostas prontas para tudo. Por dentro, ele sentia raiva por não ter tido uma resposta concreta, que lhe mostrasse, de fato, por onde começar o recolher das memórias para entendimento de sua missão. Ora bolas, a minha ancestralidade se comunica através de códigos, pensou ele. Acreditando ser bom em interpretar textos — afinal, dedica a sua vida a isso — Gerardo decidiu materializar todas as experiências num diário. Era um diário incomum, que permitia datas passadas. Começou, há duas semanas, a registrar tudo o que tinha lhe



acontecido e o que estava, atualmente, acontecendo. Em alguns momentos, no decorrer da escrita, lágrimas caíam sob as folhas. Ele, então, parava de escrever e deixava o rio esvaziar um pouco e depois continuava. E assim seguiu, escrevendo como que a tecer a sua história.

Após um mês de intenso recobrar-se de suas memórias e registrá-las todas numa forma de diário, Gerardo está contente por poder, agora, ler tudo o que estava registrado naquelas quase cem páginas

que ele escreveu durante um mês. Ele recolhe os escritos e fica até um pouco assustado com a quantidade de memórias em forma de palavras que ele pôde desfiar. O “quebra-cabeça” de Gerardo foi escrito, em grande parte, nas madrugadas. Em todas as vezes que iniciava a escrita, ele era acometido por um sono profundo. Quando acordava, tinha o lápis e os papéis à sua volta. Com tanto sono, como poderei escrever? Pensava ele.

Para Gerardo, parecia que o projeto de dar forma às suas memórias não daria certo. Por isso se assustou quando, no final de trinta dias, notou como eram extensas as escritas do “quebra-cabeça”. O homem em busca de si escreve, na primeira folha do diário, antes de navegar na leitura, uma frase de João Cabral de Melo Neto que ficou em sua cabeça depois de uma de suas aulas sobre Auto do Frade: *“Acordar não é de dentro, acordar é ter saída. Acordar é reacordar-se ao que em nosso redor gira”*. Rearcodando-se ao girar do presente, Gerardo inicia a apreciação de suas memórias.

As leituras deixam Gerardo aflito. Ao passo que ele lê e não reconhece as suas memórias. Por mais que se esforce, ele não se identifica com nada do que está escrito. Que memórias são essas? Como não me recordo de ter vivido isso? Pensa consigo. A leitura segue aflita, quando ele, já nas últimas páginas, lê: *“Com as bênçãos do Senhor Tempo, que na hora certa tudo revela, sua Vó Benedita!”*. Gerardo fica estarecido e, num ritmo alucinante, volta para a primeira página e relê a história de sua Vó Benedita. O rio, que dentro dele era desconhecido, ganha formas agitadas e já não é mais

possível repreendê-lo. Gerardo chora. Lê as histórias-memórias de sua Vó Benedita e chora. Ele não sabia quão grandiosas eram a sabedoria e a história de seus ancestrais.

A cada virar de página um novo rio se forma em sua face. Um rio diaspórico, com idas e vindas. Já nas últimas páginas Gerardo lê: *“Meu neto, tem um provérbio da minha gente que diz: ‘Aquele que não sabe dançar irá dizer: a batida dos tambores está ruim’. Por muito tempo, meu neto, você, por não saber dançar, diz que a vida já não tem sentido. O tambor da vida está tocando. Quem o toca é a ancestralidade da nossa gente. Cabe a você saber como dançar. É o teu corpo, o agitador dos tambores, as mãos que dão ritmo aos toques. É o teu corpo. E não o contrário, meu neto. É a tua pele a memória extensa da nossa gente, caçuá dos lugares de ontem. Eu abençoo daqui, da terra distante onde me encontro, a tua missão com os nossos Orixás, com as cantigas, com a gira, com a terra batida, com o Senhor Tempo. Urge louvar a ancestralidade. Um pedaço de terra você já tem. Guardei com muito sufoco pra ti. Está plantado no jardim do teu caçuá todo o ensinamento para dar curso a tua missão. Não há o que temer. Quando a missão é boa, não há santo que atrapalhe. Com um olho no céu e o outro na terra, sua Vó Benedita”*.



Um vento forte sopra na janela quando Gerardo, emocionado, termina a leitura da história de sua Vó Benedita. Ele olha para a janela e não a fecha, os ventos ficam mais fortes e Gerardo entrega a eles todo o sentimento de gratidão, amor e ternura por ter tido a oportunidade de saber de suas origens, de suas pertenças, da história de sua pele-memória e do pra quê de sua existência. Gerardo diz aos ventos para que eles avisem aos ancestrais de sua gente que a missão será honrada e que o homem que estava em busca de si ainda pretende continuar nesse projeto, por acreditar no fluxo constante da vida-mudança, e que agora o homem em busca de si sabe bem o que busca e não teme o desconhecido.

Pouco tempo depois, Gerardo assume os seus compromissos ancestrais e cumpre sua missão com cautela, zelo e muito carinho. O professor Gerardo, sempre preocupado com o destino das coisas e com o pra quê

das existências delas, sente-se no dever de transformar as memórias de Vó Benedita em um romance. Ele quer que mais pessoas busquem suas origens, reconheçam em suas peles as memórias de seus ancestrais. Ele quer que os seus jovens alunos sejam seres sedentos e descobridores das histórias daquelas e daqueles que os antecederam. Gerardo gostaria de dizer ao mundo, através de seu romance, que o sentido do passado é dar sentido às coisas de hoje, que as memórias são os combustíveis das existências e que aquele que desconhece a sua ancestralidade, que não nutre as raízes da grande árvore, colherá, sozinho, os frutos amargos de uma vida sem sentido.



Sobre o autor

Luri da Silva Gomes é licenciando em Letras: Língua Inglesa e Literaturas na Universidade Federal do Tocantins, campus de Porto Nacional.